



Research Paper

Teoria Da Aprendizagem: Uma Sugestãopara O Professor Das Áreas Sociais E De Humanas Lecionar Através De Projetos

Natandoson Torres Dantas¹
Diego da Silva²

Resumo

Observando que muitos docentes não têm um modelo pedagógico para sua prática, este artigo surge com o objetivo de abrir caminho para apresentar as teorias da aprendizagem que melhor poderão ser utilizadas no Ensino Religioso. A falta de conhecimento das teorias da aprendizagem leva o professor a não transmitir de forma adequada o conteúdo, considerando que essas teorias são complexas que dificultam a sua compreensão. Assim, propõe-se uma sistematização dessas teorias, apresentando suas ideias de forma sucinta, para que, o docente tenha conhecimento delas antes de entrar numa sala de aula. O conhecimento destas teorias levará o docente a um melhor desempenho na aplicação dos conteúdos proposto, beneficiando a ele e aos alunos no seu processo de aprendizado. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre as teorias da aprendizagem, sendo pesquisados autores atuais que estão envolvidos com o processo ensino aprendizagem, e que escreveram sobre o tema. Utilizando-se dessas informações foi descrito as ideias principais de cada teoria proposta, logo depois da descrição, apresenta-se o modelo mais indicado para o Ensino Religioso. No caso, a ministração de aulas através de projetos.

Palavras-chaves: modelo pedagógico, teorias da aprendizagem, Ensino Religioso.

Received 03 July, 2022; Revised 15 July, 2022; Accepted 17 July, 2022 © The author(s) 2022.

Published with open access at www.questjournals.org

I. INTRODUÇÃO

A participação do aluno na construção de seu saber é uma ação imprescindível no processo ensino-aprendizagem para esse momento histórico atual. Esse pressuposto gerado a partir de inúmeros estudos indica que de fato cada indivíduo deve ser inserido no contexto do seu aprendizado, tornando-se sujeito de sua história e agente transformador de sua sociedade.

Nesse sentido, surge a seguinte preposição: qual seria o modelo pedagógico mais adequado para se usar na ministração do Ensino Religioso? Considerando, que esta disciplina, por ter muita resistência na escola pública e sua carga horária ser muito reduzida, é preciso que se aplique um modelo pedagógico em que o educando tenha um maior aprendizado e aproveitamento em tão pouco tempo, isso, significa plantar um conteúdo em pouco tempo e que o aluno possa levar para toda vida, tendo em vista que a disciplina de Ensino Religioso tem um caráter de formação humana.

Observa-se que para ministrar a disciplina do Ensino Religioso não poderá valer-se somente de uma teoria da aprendizagem de um pensador de renome, precisam-se atrelar teorias que possibilitem na ação conjunta a valorização do Ensino Religioso, dos valores humanos e espirituais, junto com o desenvolvimento intelectual permanente.

Para que a Docência do Ensino Religioso consiga progresso em seu espaço escolar é preciso que todos os profissionais do Ensino Religioso possam estar conhecendo as diversas teorias da aprendizagem, principalmente as mais recentes, para que dessa forma possam saber qual a melhor teoria a ser aplicada na prática da disciplina docência do Ensino Religioso. Assim o docente terá a possibilidade de proporcionar um aspecto inovador e estimulante para seus educandos e para ele mesmo.

¹ Graduando em Psicologia pela Uniensino. Doutor em Psicologia.

² Psicólogo. Docente do curso de Psicologia da Uniensino.

Na perspectiva de proporcionar um melhor entendimento sobre a importância de compreender as teorias da aprendizagem, sabendo que elas são muito complexas, o desenvolvimento deste artigo sugere resumidamente as ideias dos grandes teóricos da teoria da aprendizagem que influenciaram e influenciam até os dias atuais.

Apresenta-se a proposta da pedagogia de projetos, como sendo a mais viável para esta disciplina. Lembrando que este artigo é baseado numa pesquisa bibliográfica, se faz necessário futuramente uma pesquisa de campo em sala de aula. Procurou-se utilizar autores mais recentes, para poder ter-se notícias mais atuais sobre o tema. Tendo em vista, que o número de material é muito extenso, sendo necessária uma filtragem dos mesmos, especificamente voltados para a docência do ensino religioso.

Inicialmente, se falará dos modelos pedagógicos, e não é possível falar de uma teoria da aprendizagem sem falar da relação que tem com o modelo pedagógico, logo, se apresentará a pedagogia para o Ensino Religioso, apresentando os estágios de desenvolvimento cognitivo, seguido da teoria de Gardner, se esquecer de Lev Vigotsky com as funções mentais que vão aparecer duas vezes na vida de uma pessoa e finalmente um modelo pedagógico de projetos.

1 OS CINCO PRINCIPAIS MODELOS PEDAGÓGICOS

As bibliografias especializadas reconhecem cinco modelos pedagógicos:

1. Tradicional;
2. Behaviorista; ou tecnicista;
3. Inatista; denominado ensino descolarizado, ou pedagogia diretiva;
4. Cognitivo, também chamado de construtivista ou progressista;
5. Sócio crítica ou contextual.

Estes cinco modelos têm uma ordem cronológica, do tradicional, passa para behaviorista, inatista, depois passa para o cognitivo (construtivismo), e o sócio crítica vem lado a lado com o construtivismo.

Notemos de forma geral alguns elementos que podem distinguir estes modelos pedagógicos.

Cada modelo concebe ao homem de maneira diferente. Por exemplo, o modelo tradicional concebe ao homem de uma concepção de liberdade criadora do espírito, já que o espírito pode levar sobre as tendências materiais.

Os fins do homem neste modelo tradicional é chegar a ser livre para poder comunicar-se com Deus e os demais. Por outro lado, a concepção do homem no modelo behaviorista, o fato é que se consegue desde a perspectiva de um ser eminentemente biológico e social, já não espiritual, os fins do homem, neste modelo behaviorista é solucionar os problemas e necessidade que lhe apresenta a vida. Observe como mudar radicalmente a concepção do homem da tradicional para o behaviorista.

E se partimos ao quarto modelo construtivista ou progressista, ao contrário deste modelo construtivista desde uma perspectiva de ser livre, de um ser dinâmico e criativo, é ele que constrói o seu mundo baseado em suas experiências e processos reflexivos, o construtivismo pretende que o homem conceba ao mundo desde uma perspectiva que lhe permita ser reflexivo, construir seu próprio mundo, construir sua própria cultura.

Observe a diferença com os modelos tradicional que a concepção do homem era comunicar-se com Deus, onde tomava o homem como um ser espiritual. Assim, é possível esclarecer um pouco mais. Desde o ponto de vista epistemológico, também há grandes diferenças, isto é, o fundamento epistemológico do modelo tradicional não é o mesmo do behaviorista, pragmatismo ou construtivista nem sócio crítico. Por exemplo, o modelo tradicional o fundamento epistemológico é a teoria realista onde o conhecimento se origina na experiência e em particular nas expressões do sentido, isto é, conhecemos através do sentido.

No caso do modelo Construtivista e o seu fundamento epistemológico, segundo LAKOMY (2008, p.48) descreve que:

“é necessário que o professor dê a devida atenção aos fatores que motivam o aluno a aprender, entenda que o processo ensino-aprendizagem é um espiral de conhecimentos, e cada conhecimento serve de base ou pré-requisito para a aquisição do seguinte; tenha bom senso crítico ao analisar a fase de desenvolvimento cognitivo da criança para então determinar quais capacidades ela possui ou não para trabalhar certos conteúdos; estimule o processo de interação social da criança com todas as pessoas que participam do ambiente escolar como forma de promover seu desenvolvimento (...).”

Contrariamente do empirismo ao behaviorista, no construtivismo o fundamento é dialético intelectualista, onde o sujeito e o objeto existem uma relação recíproca, dinâmica e de troca, que provoca os seres humanos a construir o conhecimento por causa da relação existente entre sujeito e objeto. Já na fundamentação epistemológica sócio crítica, este tem um sustento no materialismo. Se o construtivismo é de modo dialético o sócio crítica, ou contextual, tem o fundamento no materialismo dialético. O conhecimento é o reflexo adequado a realidade comprovada pelas práticas sociais, ou seja, o conhecimento não é unicamente teórico ou prático se não as duas coisas ao mesmo tempo.

1.1 Os modelos pedagógicos e sua relação com as teorias da aprendizagem.

Não é possível falar de uma teoria da aprendizagem sem falar da relação que tem com o modelo pedagógico. Vamos ver os cinco modelos e cada um dos modelos nas teorias da aprendizagem que as sustenta.

Começaremos com o modelo tradicional e seu perfil. Não existe objetivo claro e explícito, existem critérios divergentes entre os membros da comunidade educativa acerca da educação e seus fins. Não havia uma clareza da finalidade da educação. Existia uma escassa autonomia das escolas para poder inovar a educação e que arregimentava academicamente era a igreja.

Esse modelo tradicional vai existir em um agrupamento rígido e único de alunos de cada curso. Os horários são totalmente uniformes para os estudantes de cada grupo. Tem um programa idêntico para todos os educandos de cada nível, não podia diferenciar um programa como se faz agora. Por exemplo, um programa acadêmico para uma escola rural bilingue, para uma escola urbana ou uma escola suburbana. Existia uma mínima responsabilidade de alunos e professores na planificação de desenvolvimento de tarefas.

Uma disciplina totalmente coercitiva repressiva em muitos momentos e por ser este tipo de disciplina havia uma barreira, isto é, uma parede entre professor e aluno, havia falta de identificação e empatia entre professores e estudantes. Claro que nessa época já existia várias teorias da aprendizagem que sustentava este modelo pedagógico.

A primeira teoria era da mente depósito. A segunda a teoria das faculdades e a terceira a teoria sensual empirista. Estas teorias sustentavam, fundamentavam e suportavam o modelo tradicional,

A teoria da mente depósito diz: que o conhecimento se adquire e armazena através da informação e esforço. O cérebro é uma caixa onde deveria armazenar informações e para que fixasse esta informação no cérebro teria que fazer muito esforço, muita memória e pouco raciocínio.

A teoria das faculdades, que manifesta a mente humana já possui todas as faculdades, e que Deus já educou todas as faculdades e a educação deve despertá-las e executá-las por meio da aquisição de conhecimentos organizados por matéria. As faculdades são inatas, elas veem com o indivíduo, e o papel da educação é despertá-las, fazer aflorar. Conforme é descrito por BEERTOLDI (2010, p.11), assim: “a teoria inatista parte do pressuposto de que personalidade, valores, hábitos, crenças, pensamentos, emoções e à conduta social já nascem prontos, com o indivíduo. (...) O papel do professor é facilitar que essas aptidões se manifestem, entendendo-se que quanto menor a interferência, maior será a espontaneidade e criatividade do aluno.”

E a terceira teoria da aprendizagem, como aprende. Era a teoria empirista, onde a aprendizagem é um processo que vai de fora do indivíduo para dentro. É um complemento da teoria mente depósito, vindo de fora para dentro do indivíduo uma série de conhecimento.

Claro, a história, a ciência, a humanidade avançam e são só um modelo ativista, ou nova escola que diz: a identificação da aprendizagem com ação, onde se aprende fazendo, é a facilitação de experimentar por parte dos alunos. A criança passa a ser fundamentada no processo e tanto os programas e os métodos terão que partir da necessidade e dos interesses, esses são os que determinam o que se deve estudar. Obviamente que o docente deve captar a necessidade e modelar. Segundo VIESSER (1994, p. 17) “na Didática ativa em que o centro do Ensino Religioso não é o professor nem o conteúdo a ser ensinado. O foco central vem assinalar o papel que jogam os conhecimentos anteriores do aluno na aquisição de novas informações, como exemplificado por Lakomy (2008, p.62), por exemplo:

“quando queremos ensinar à criança noções de cidadania, podemos levá-la para dar uma volta na quadra e observarmos com ela tudo que se relaciona com cidadania. Podemos ensinar que o lixo deve ser colocado nas lixeiras disponíveis no caminho ou dar seu lugar no ônibus para uma pessoa idosa. Assim, a criança atribuirá significados aos elementos observados durante essa experiência (pontos de ancoragem) que poderão, mais tarde, ajudá-la a compreender o conceito de cidadania”.

A significação só é possível se eles se relacionam os novos conhecimentos com os que já possuem o sujeito, porém Ausubel, segundo Lakomy (2008, p.62) “ênfata a diferença entre aprendizagem mecânica e aprendizagem significativa”:

a) “Na aprendizagem mecânica, somos capazes de absorver novas informações sem, no entanto, associá-la a conceitos já existentes em nossa estrutura cognitiva. Por exemplo, quando uma criança decora uma poesia sem entendê-la, ela não é capaz de relacionar o conteúdo da poesia com algum conhecimento que já possui na sua estrutura cognitiva e, assim, efetuar uma nova aprendizagem”.

b) “Na aprendizagem significativa, nós relacionamos um novo conteúdo, ideia ou informação com conceitos existentes na nossa estrutura cognitiva (pontos de ancoragem para a aprendizagem). Quando isso ocorre, essa nova informação é assimilada pela nossa estrutura. Por exemplo, para que um novo conceito seja assimilado pela nossa estrutura cognitiva, segundo a teoria piagetiana, é necessário que o conceito já esteja lá como ponto de ancoragem. Se isso acontece, os pressupostos da teoria de Piaget serão assimilados e servirão de pontos de ancoragem para as novas informações.”

Espera-se que aprender signifique compreender e para ele é condição indispensável ter em conta que o aluno já sabe sobre o que é que se quer ensinar. Para Ausubel e Novak, fundamental, portanto, é conhecer as

ideias prévias dos alunos propondo para ele a técnica dos mapas conceituais que é capaz de detectar as relações que os alunos estabelecem entre os conceitos.

Para Novak a aprendizagem é uma construção e se produz a partir dos “desequilíbrios” ou “conflitos cognitivos”, que modificam os esquemas de conhecimento do sujeito.

O construtivismo não é método de ensino. É uma proposta para promover a aprendizagem em indivíduos, um modo em que a cultura lhe oferece, aos educandos para aprender em contextos educativos e fora deles.

2.2 Teorias de Gardner

Em seguida a teoria de Gardner que descreve as sete inteligências. A teoria de Gardner não é uma proposição do tipo que permita determinar que tipo de inteligência tenha cada pessoa, mas uma teoria sobre o funcionamento cognitivo que aponta que cada pessoa tem capacidade nas sete inteligências. As sete funcionam juntas de maneira única em cada pessoa. E como se daria estas sete inteligências múltiplas numa sala de aula? Segundo o quadro apresentado por BERTOLDI (2010, p.105) defini assim:

INTELIGÊNCIA	O ALUNO SE DESTACA EM	GOSTA DE	APRENDER MELHOR
Lógico-matemático	Matemáticas, raciocínio lógico, solução de problemas.	Resolver problemas, questionar, trabalhar com números, experimentar	Classificando, trabalhando com o abstrato.
Verbal-linguística	Leitura, escrita, narração de histórias, memorização de datas, pensa por meio de palavras	Ler, escrever, contar histórias, memorizar, montar quebra cabeça.	Lendo, escutando, escrevendo discutindo e debatendo.
Corporal-cinestésica	Atletismo, dança artes dramáticas, trabalhos manuais, e na utilização de ferramentas.	Tocar e conversar utilizar a linguagem corporal.	Tocando, processando informações através das sensações corporais.
Visual-espacial	Interpretação de mapas, gráficos, desenhos, quebra-cabeças.	Desenhar, construir, criar, sonhar acordado, olhar desenhos e fotos	Trabalhando com desenhos e cores.
Rítmica-musical	Cantar, reconhecer sons, recordar melodias e ritmos.	Cantar, tocar um instrumento, escutar música.	Cantando e escutando músicas, melodias.
Interpessoal	Liderar, organizar, comunicar e resolver conflitos.	Ter amigos, conservar e juntar-se as pessoas.	Compartilhando, comparando, relacionando, entrevistando e cooperando.
Intrapessoal	Entendendo a si próprio, reconhecendo seus pontos fortes e fracos, estabelecendo objetivos.	Trabalhando sozinha, fazer reflexões e seguir seus interesses.	Trabalhando individualmente, desenvolvendo projetos de acordo com seu próprio ritmo.
Naturalista	Entendendo a natureza, identificando a flora e a fauna.	Participar de projetos que envolvam a natureza	Trabalhando com o meio ambiente, explorando os seres vivos, aprendendo por meio da natureza.

Quase todo mundo tem virtualmente a capacidade de desenvolver as sete inteligências num nível razoavelmente alto de execução, isto é, um desempenho razoavelmente alta, se você recebe ajuda, reforços e instruções adequadas, e quem dar essas instruções é o docente.

2.3 Lev Vigotsky (1896-1934): Área de desenvolvimento proximal ou potencial.

As funções mentais aparecem duas vezes na vida de uma pessoa. Primeiro aparece no plano social e interpessoal. Depois no plano intrapessoal. A direção, pois da aprendizagem é do externo ao interno, do social ao individual. O comportamento deve existir na sociedade antes que se possa chegar a ser parte do comportamento interno do indivíduo.

Não se pode falar primeiro de uma conduta individual para logo se falar de um comportamento coletivo, ao contrário primeiro a conduta coletiva, e este comportamento que existe num coletivo humano, numa sociedade, ante que seja parte da pessoa, do indivíduo, tem que estar a sociedade, e logo para o indivíduo.

Para ele o papel do professor é muito importante para impulsionar o desenvolvimento mental da criança. O desenvolvimento não estava atrelado a uma grande quantidade de conteúdo, o importante é apresentar para o educando “formas de pensamento” observando se o aluno tem maturidade para receber o mesmo. Para isso o professor precisa avaliar seus alunos para detectar as habilidades que eles têm e as que ele poderá obter. O importante é que as crianças tenham atividades que levem a pensar de maneira nova.

Percebe-se que o Ensino da disciplina Ensino Religioso é muito complexo e muitos nem se dão conta da tamanha complexidade. Nesse sentido para Rodrigues (2009, p.25), segundo o autor o professor de

Ensino Religioso deve promover “o reencontro darazão com a vida, que considere as necessidades vitais, as aspirações « os conhecimentos de todos os sujeitos envolvidos nesse processo”. E quem é esse sujeito envolvido no processo? São os educandos que viverão no estágio operatório-concreto (7 a 12 anos) Rodrigues (2008, p.43) diz:

“o jogo simbólico é importantíssimo para o desenvolvimento, porque propicia à criança equilíbrio afetivo e intelectual, isto é, assimilação do real ao “Eu”, sem coações nem sanções, preparando-a para as futuras aprendizagens que dependem da compreensão da ideia de símbolos, como as letras e os números”.

O professor de Ensino Religioso ministrará suas aulas para alunos também no estágio operatório formal que é o início da adolescência. Que para (RODRIGUES, 2009, p.44) é “a principal tarefa desse período é aprender como pensar a respeito de ideias tanto quanto de objetos (...) começa-se a pensar sobre coisas imaginárias e ocorrências possíveis em vez de apenas sobre coisas « ocorrências reais”.

Por isso, é preciso considerar que (RODRIGUES, 2009, p.45) “embora os estágios de desenvolvimento cognitivo identificados por Piaget estejam associados às faixas de idade, eles variam para cada indivíduo. Conhecer o desenvolvimento cognitivo facilita a apropriação de atividades ou situações que envolvam os educandos”.

No contexto atualmente do ambiente escolar e pela própria dificuldade que a disciplina de Ensino Religioso, encontra nas escolas por ser considerada, por alguns, como uma disciplina, não tão importante como as demais, diferentemente do que é a proposta dessa disciplina, definido pelo Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso (FONAPER), descrito por Rodrigues (2009, pp. 23-24) escreve que:

Os professores de ER estudam e discutem o desenvolvimento do fenômeno religioso e, ao mesmo tempo, lecionam conhecimentos no campo da sociologia, da psicologia, da antropologia, entre outras ciências, para crianças e adolescentes, procurando analisar o movimento religioso em suas diferentes facetas. A seriedade do ER aponta para a necessidade de formação docente que possibilite uma visão dessa área do conhecimento que vá além da exposição de valores, garantindo a atuação voltada à criação de um espaço privilegiado de reflexão. O ER, tal como é proposto, necessita de um professor formado adequadamente para desempenhar sua função educativa. Deseja-se que tal formação proporcione uma abertura ao conhecimento e aprofundamento constante de experiências religiosas que não sejam exclusivamente as suas. Para isso, é preciso que esse professor tenha ciência da complexidade da pluralidade religiosa e disposição para o diálogo, dessa forma, um novo entendimento vai tomando corpo em relação à identidade do ER escolar, pois, ao assumir o Ensino Religioso na perspectiva da formação, da busca de um significado de vida, do desenvolvimento da personalidade com critérios seguros, comprometido com a plena realização, têm-se implicações com os conteúdos e as metodologias veiculadas. Ou seja, exige-se a coerência e a consistência entre teoria e prática, entre intenções e ações, o que se passa pela transformação de seu articulador, de seu interlocutor, de seu mediador que é o profissional da educação professor de Ensino Religioso atuando como catalisador, devido a sua sensibilidade, perspicácia e criatividade.

Desta forma se faz necessário, a utilização de uma pedagogia de Projetos para ministração do Ensino Religioso por ser uma disciplina interdisciplinar segundo Rodrigues (2009, p.26) explica que: “o Ensino Religioso pode acrescentar a visão sobre a realidade mais um modo de discutí-la, principalmente ao adotar uma metodologia pautada na interdisciplinaridade” e nada melhor que a aplicação de uma pedagogia de Projetos, tendo em vista, que o homem “é um sujeito em contínua construção”.

3 PEDAGOGIA DE PROJETOS

Atualmente vive-se um período de grande transição. A velocidade em que as informações, estão chegando é muito maior do que as pessoas têm para absorver e processá-las, exigido uma habilidade, que não recebida na formação inicial, hoje precisamos filtrar, desconstruir e construir essas informações de nossa realidade, e nada melhor que o espaço escolar, para realizar-se análise, discussão e refletir, sobre a realidade que nos cerca com o propósito de obter soluções para os problemas propostos nos projetos pedagógicos, problemas esses que aflige este século: racismo, intolerância religiosa, fome, indisciplina, violência, destruição ambiental, fobias e tantos outros temas que cercam a realidade do educando.

Segundo (RODRIGUES, 2009, p.48, Apud FRANCO), escreve:

Uma situação de aprendizagem, é a que apresenta questões de construção e de reconstrução que façam o indivíduo pensar, analisar o seu fazer e optar por permanecer como está ou mudar, essa reflexão pode contribuir para que o professor de Ensino Religioso atue no processo de desenvolvimento de seus alunos, de maneira que suas aulas não se tornem apenas momentos de informação sobre religião, mesmo porque seu objetivo é muito mais amplo e está voltando à construção do “ser religioso”.

Na defesa do ensino por projeto é destacado por (MARTINS, 2007, p.51) que escreve:

O professor que pretende ensinar por projetos de pesquisa na escola lançará mão de um instrumento didático valioso destinado a melhor orientar a realização do ensino e o aproveitamento de atividades sobre assuntos temáticos variados, as quais serão executadas integrando disciplinas curriculares. Que práticas pedagógicas de aprendizagem são essas? Podem ser as que visam à explicação de alguma situação-problema, ao estudo e ao

que visam à explicação de alguma situação-problema. Ao estudo e ao conhecimento de fatos ou fenômenos pertencentes à realidade vivida pelos alunos, ou ainda à investigação de assuntos de interesse curricular específico etc.

O autor complementa: “com a utilização dos projetos, o professor”:

1. buscará e descobrirá novas formas de motivar e estimular a aprendizagem dos alunos pela renovação do método de ensinar e desenvolver mais neles a curiosidade e o sentido de observação e reflexão;
2. contribuirá para a formação crítica do aluno familiarizando-o com noções elementares da metodologia na realização de tarefas investigativas orientadas, preparando-o, dessa forma, para o futuro pelo saber como estudar e pelo aprender a aprender em práticas nas tarefas que lhe são exigidas.

De posse dessas informações o professor de Ensino Religioso poderá traçar uma estratégia de ensino dentro do apresentado até o momento, é claro, que as possibilidades são inúmeras, onde o próprio docente poderá realizar as suas pesquisas (CURY & VALLE, 2010, pp. 14-15) tendo em vista, que:

“o projeto de trabalho é um elemento capaz de originar uma prática pedagógica diferenciada e competente. Lecionar com projetos de trabalho é contemplar uma forma de ensino recomendável e inovadora e, evidentemente, o professor precisa fazer a adequação do projeto com a idade do aluno para que a proposta de pesquisa possa ser alcançada com sucesso.”

Essa adequação sempre será necessária, considerando que o professor de Ensino Religioso terá vinte turmas diferentes uma da outra, com isso ele precisará de muita habilidade para trabalhar com cada turma, lembrando que nessas turmas haverá educandos com dificuldades de aprendizagem e de inclusão, que exigirá, ainda mais do docente, que também precisará conhecer esses temas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferentes teorias que fazem parte da prática do docente, tentando identificar a mais adequada para o Ensino Religioso. E ao mesmo tempo, possibilitar que o professor possa fazer uso dos conceitos e das técnicas em sala de aula, levando o estímulo da aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo dos conteúdos da disciplina de Ensino Religioso.

Durante a exposição do artigo procurou-se fazer referência a um conjunto de enfoques e perspectivas teóricas diferenciadas que se complementam, apresentando uma explicação bem generalizada sobre os elementos e os fatores das teorias da aprendizagem. No intuito de poder dar aos profissionais da docência do Ensino Religioso, um maior aporte em sala de aula.

O ensino através de projetos pode ser favorável para a ministração dessa disciplina. Como por exemplo, desenvolver um projeto sobre a Paz. Considerando que todas as religiões pregam a Paz. Num projeto como esse se pode trabalhar temas como: os símbolos, os rituais, o espaço sagrado e os textos sagrados.

Por apresentar as teorias de uma forma generalizada, os professores poderão aprofundar suas pesquisas em uma determinada teoria. Recomenda-se que os docentes pesquisem sobre as dificuldades de aprendizado, pelo fato, de que nas salas de aulas, muitos, serão os alunos, que terão dificuldades de aprendizagem. Outro aspecto a ser observado, é que falamos de teorias, e teorias precisam ser colocadas em práticas, considerando que numa turma poderá funcionar, mas em outra não. Por isso, a necessidade de conhecer bem as teorias, para aplicá-las de maneira mais adequada. Esta pesquisa bibliográfica pretendeu abrir um novo foco, respondendo à pergunta: qual o melhor modelo pedagógico para ministrar o Ensino Religioso?

Tendo, o Ensino Religioso como uma das disciplinas mais importante dentro da grade curricular, pelo seu caráter na formação humana, porém, sendo necessária a quebra do rótulo colocado historicamente, e uma melhor valorização e formação do professor de Ensino Religioso, que tenha domínio do conteúdo e saiba de maneira dinâmica utilizar o modelo mais adequado para o seu grupo de educando. Lembrando que o Ensino Religioso é uma disciplina que forma o ser humano na sua totalidade, isenta de proselitismo e confessionalismo.

REFERÊNCIAS

- [1]. BALESTRA, Maria Marta Mazaro. **A psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade**. Curitiba, Ibpex, 2007.
- [2]. BARROS, Célia Silva Guimarães. **Psicologia e Construtivismo**. São Paulo, Editora Ática, 2006.
- [3]. BERTOLDI, Maria Eugênia. **Psicologia da aprendizagem**. Curitiba, editora Fael, 2010.
- [4]. CURY, Ana Cristina; Luciana de Luca Dalla Valle. **Projetos Educacionais**. Curitiba, Editora Fael, 2010.
- [5]. GOODWIN, E. James. **História da psicologia moderna**. São Paulo, Cultrix, 2005.
- [6]. GRASSI, Tânia Mara. **Psicopedagogia: um olhar uma escuta**. Curitiba, Ibpex, 2009.
- [7]. JONES, B.F. **Text learning strategy instruction: guidelines from theory and practice**. San Diego: Academic Press, Inc, Educational Psychology Series., 1988.
- [8]. LAKOMY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. Curitiba, Ibpex, 2008.
- [9]. LEAL, Daniela, Makeliny Oliveira Gomes Nogueira. **Dificuldade de aprendizagem: um olhar psicopedagógico**. Curitiba, editora Ibpex, 2011.
- [10]. MARTINS, Jorge Martins. **Projetos de pesquisa: estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula**. 2. Ed., Campinas, SP: Armazém do Ipé (Autores Associados). 2007.

- [11]. PASSOS, João Décio. **Ensino Religioso: construção de uma proposta**. São Paulo, Paulinas, 2007.
- [12]. REVISTA, Nova Escola. **Grandes pensadores: 41 educadores que fizeram história, da Grécia antiga aos dias de hoje**. São Paulo, editora abril, edição especial nº 19, 2008.
- [13]. RODRIGUES, Edile Fracaro, Sérgio Junqueira. **Fundamentando Pedagogicamente o Ensino Religioso**. Curitiba, Editora Ibepex, 2009.
- [14]. VIESSER, Lizete Carmem. **Um Paradigma didático para o ensino religioso**. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1994.